

# Beatriz Redko: conhecimento contínuo do setor de papel e celulose do Brasil

*Beatriz Redko: continuous knowledge in the Brazilian pulp and paper sector*

Beatriz Redko: conocimiento continuo del sector de papel y celulosa de Brazil

**Estudos, pesquisas e descobertas sempre permearam os caminhos de Beatriz Redko, diretora técnica da ABTCP.** Engenheira química, formada pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1961, Beatriz começou sua vida profissional como aluna-assistente de Bioquímica, estudando o fungo da formiga saúva.

Logo depois de formada, a seção de Celulose e Papel do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) foi uma ótima oportunidade para entrar em um campo ligado a produtos naturais e, a partir disso, formar a base técnica e trabalhar para a formação do parque industrial brasileiro de celulose e papel. “Meus primeiros trabalhos nesta área foram o estudo da celulose do eucalipto, do bambu e de doze espécies de madeiras amazônicas”, lembra. “Mas fazer papel pela primeira vez carregou para sempre meu coração.” Ela também participou da fundação da ABTCP, além de ter colaborado na implementação das primeiras Normas brasileiras do setor.

Depois dos trabalhos no IPT, foi a Jari que passou a motivar a atuação de Beatriz dentro do setor. “Trabalhei em Monte Dourado por 16 anos e participei da pesquisa, desenvolvimento e implantação da celulose branqueada de gmelina, de *Pinus caribaea* e de eucalipto”, conta. Nestes anos, Beatriz estudou mais de 150 espécies amazônicas, para verificar quais eram as mais viáveis para a produção de celulose e de papel. “Além disso, também estudei a lagoa de oxidação biológica e, mais tarde, comecei a estudar as florestas e a participar dos programas de melhoria.”

Atuando na área de papel e celulose há cerca de 40 anos, muita coisa mudou, desde então, conforme afirma Beatriz. “No início da minha carreira, o setor ainda estava na infância, formando a sua base florestal, construindo as primeiras fábricas de grande porte. O setor foi crescendo, ficou importante para a economia brasileira e hoje é o 12º produtor global”, comenta. Só que isso ainda é

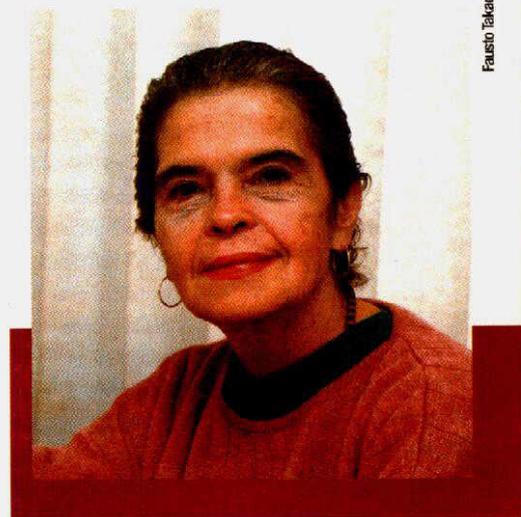
pouco, na visão de Beatriz. “O País tem muito para crescer e não tem por que não ser um dos primeiros produtores mundiais.”

Neste sentido, ela destaca que muitas mudanças ainda devem ocorrer nas indústrias de papel e celulose. Um dos avanços, segundo ela, relaciona-se a crescente atenção à causa do meio ambiente, com o desenvolvimento de processos de produção cada vez menos agressivos. “E a busca da superação de desafios também faz parte da pauta de desenvolvimento do setor. Plantar mais florestas e fazer com que mais pessoas participem desse plantio é uma dessas causas a serem buscadas, conforme destaca Beatriz. Outro ponto importante frisado pela diretora técnica da ABTCP rela-

**“Minha maior lição de vida durante minha carreira no setor foi entender a necessidade de se reciclar sempre”**

ciona-se ao modelo florestal brasileiro. “Este deverá mudar, substituindo-se o eucalipto e o pinho de monoculturas para culturas mistas, para que no meio das árvores se possam plantar soja, milho e mandioca. Mais pessoas devem plantar, e plantar de tudo.”

Como aliado da evolução do setor papelero do Brasil, Beatriz lembra que o próprio País também está crescendo, com novos hábitos sociais sendo criados, passando a exigir um maior consumo interno de papel a cada dia. Um dos exemplos das mudanças na sociedade, para Beatriz, é a tendência de minimização dos níveis de analfabetismo e miséria. “Ao lado disso, todos os jovens estão tendo incentivo a estudar e possibilidade de acesso a medicamentos e alimentação e, dessa forma, podem encontrar melhores empregos”, destaca. Mais pessoas trabalhando, maior número de consumidores, inclusive de papel.



Beatriz Redko

“Para atender a essa nova demanda do mercado interno e também para aumentar a competitividade, as fábricas menores se modernizarão e crescerão.” Na parte econômica, Beatriz aponta que “cedo ou tarde o *Custo Brasil* deverá diminuir, por uma simples questão de lógica – como o Brasil dia a dia se mostra mais competitivo tecnicamente, não é do interesse de ninguém que a produção e as exportações sejam prejudicadas”.

Pessoalmente, Beatriz também tirou muitas lições de vida, a partir de seus trabalhos no setor. “A principal delas foi entender a necessidade de se reciclar sempre”, frisa. Como aprendizado humano, ela fala sobre o abandono de paradigmas, a permissão a si mesma de ousar e errar, a importância de olhar em volta e aprender com tudo, respeitar as outras pessoas e suas opiniões. Até hoje Beatriz trabalha no setor, prestando consultoria para algumas empresas na área de melhoria de madeira e fibras e de meio ambiente, além de participar como diretora técnica na Contém Ultraflow e na ABTCP. Mas os estudos não ficam de fora, afinal, a mente não pode nunca envelhecer, ainda mais nos dias de hoje, em que a informação é um bem extremamente valioso. “Estou também atendendo ao programa de doutoramento em recursos florestais na ESAIQ, para aprender mais sobre a formação da madeira”, ressalta Beatriz. ▲